

246 -P

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E DISPERSÃO DA *Lutzomyia longipalpis* (LUTZ & NEIVA, 1912), A PRINCIPAL VETORA DE LEISHMANIOSE VISCERAL NO ESTADO DA BAHIA. ITALO A. SHERLOCK, ARTUR G. DIAS-LIMA, ARIANO F. MONTE-ALEGRE Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz-/ FIOCRUZ, Rua Valdemar Falcão 121 Salvador, Bahia

INTRODUÇÃO A presença da *Lutzomyia longipalpis*, é um dos principais fatores de risco para a ocorrência de leishmaniose visceral. Essa vetora vem expandindo sua distribuição geográfica na Bahia, onde décadas atrás era limitada a Chapada Diamantina no Planalto Central. A destruição florestal indiscriminada, transformou a faixa litorânea em ecótopos adequados, para o flebótomo e reservatórios da leishmaniose, constituindo novos focos da doença.

OBJETIVOS: Nesta contribuição apresentamos a distribuição geográfica atual da *Lutzomyia longipalpis*. **MATERIAL E METODOS.** Temos por base os dados obtidos de capturas de flebotomíneos que fizemos, desde 1959, em vasta área do Estado da Bahia, e no levantamento bibliográfico sobre essa importante vetora. Durante 4 décadas, os flebotomos foram capturados, no interior dos domicílios e dependências, nas matas com armadilhas apropriadas, nos troncos de árvores, tocas de animais silvestres, grutas de pedras, com armadilhas de Shannon e de Damasceno e posteriormente, com armadilhas luminosas do tipo Falcão e CDC.

RESULTADOS. Nestas nossas observações, foram feitas inspeções para flebotomos em 123 municípios e em 61 deles, foi constatada a presença da *L. longipalpis*. Inicialmente, o flebótomo só foi encontrado em 14 municípios do Estado da Bahia. Este Estado possui atualmente 253 municípios, vários dos quais desmembrados dos anteriormente existente. Mais de duas centenas de milhares de exemplares de flebotomíneos foram capturados, 60 % dos quais pertencentes a espécie *L. longipalpis*. No mapa, estão assinalados os municípios de distribuição desse flebótomo, de acordo com a década em que foi assinalados entre os anos de 1959 a 1999.

CONCLUSÃO Como se observa, a área de distribuição geográfica de *L. longipalpis* foi se expandindo com o tempo. A dispersão parece ter como um dos fatores responsáveis, a profunda modificação provocada pela nefasta devastação feita pelo homem que afetou irreversivelmente o ecossistema primário tendo a *L. longipalpis* se adaptado aos novos ecossistemas criados artificialmente na periferia dos domicílios. Essa adaptação estreitou a aproximação com o homem sadio e o cão doméstico, facilitando a instalação e manutenção de novos focos da leishmaniose. Em consequência, nas últimas décadas, a taxa de incidência da leishmaniose visceral vem passando por preocupante aumento. Assim, enquanto que no ano de 1986, foram registrados na Bahia, 861 casos humanos, no ano de 1996, foram registrados 1.648 casos. Sem dúvida, este aumento está em parte diretamente relacionado com um dos mais importantes fatores de risco de aquisição da infecção leishmaniótica que é a presença da vetora *L. longipalpis*. Não nos detemos em analisar as diferenças morfológicas que possui *L. longipalpis*. Este assunto tornou-se atual e aguçado motivo de especulações na literatura científica mundial pois, as diferenças morfológicas, traduziria a existência de um complexo específico *L. longipalpis*, com diferentes capacidades vectoras e modificadoras das ações patogênicas do agente etiológico albergado, além dos aspectos genotípicos que deverão interferir na sistemática desse importante complexo específico. Na Bahia, temos verificado a existência de populações alopátricas de *L. longipalpis* com uma ou duas manchas claras arredondadas nos tergitos abdominais dos machos. Não fizemos entretanto, o confronto dessas populações com os focos endêmicos da leishmaniose visceral para observar a existência de significado epidemiológico..